

Cuidar da saúde pública

É grave a advertência formulada pelo diretor-técnico do Serviço de Reumatologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, chamando atenção para perigos com que se defronta a população, arriscada a tomar remédio errado e, em vez de obter cura das doenças, agravar padecimentos. Tudo por causa da iniciativa de tentar comercializar medicamentos em cujos rótulos ou em cujas embalagens se estampem somente suas denominações químicas (genéricos). Disso podem resultar tanto a ineficácia terapêutica de certos produtos como, no caso de outros, manifestações colaterais danosas. A comercialização livre de genéricos, destituídos de mecanismos seguros de avaliação, já criou, em vários países, perigos de vulto à saúde pública. É que produtos que se revistam apenas de características similares podem não ter a mesma equivalência terapêutica e o mesmo grau de toxicidade. E por quê? Em razão das diferentes variáveis físicas de uma mesma substância — variáveis que podem

ocorrer de uma indústria para outra.

Em clínica médica se sabe que não há doenças; há doentes. Em outras palavras, cada organismo reage de forma diversa aos medicamentos que lhe são ministrados. Eis o porquê do imprescindível acompanhamento da terapia pelo facultativo que prescreve o remédio. Afirmo com razão dr. William Habib Chachade, autor do alerta que dá ensejo a esta *Nota*: “A pureza, o tamanho da partícula, entre tantos outros fatores, podem modificar o prognóstico do tratamento. Recentemente, trabalho publicado em revista médica nacional demonstrou que um mesmo analgésico antiinflamatório, comumente utilizado no dia-a-dia, de três produtos diferentes, foi responsável por índices de toxicidade em ratos significativamente distintos: 0,0% em um, 18,5% em outro e 37,9% no terceiro”.

No Brasil, o quadro da saúde pública apresenta um panorama dramático, como talvez não haja apresentado antes, em qualquer período histórico. Não se

pratica a medicina preventiva, a mais barata e que dá resultados mais positivos. Daquela que tem o condão de combater a doença já existente pode-se dizer que não atinge as camadas de renda mais baixa da sociedade, salvo nos centros urbanos de maior porte e onde, por sorte, exista, próximo, algum hospital cujo padrão de funcionamento não deixe a desejar. Se, sob panorama tão sombrio, o povo ainda pode ficar exposto aos riscos de que se dá conta neste comentário, não há negar que a situação pode chegar a um clímax de dificuldades sem nome e sem medida.

Não se pode deixar de concordar com o médico William Habib Chachade: “Necessitamos baratear nossos medicamentos. No entanto, antes de mais nada, devemos ter, estabelecidos e obedecidos, os mínimos índices de controle de qualidade e de vigilância farmacológica, por uma instituição de saúde adequadamente estruturada”. Pense nisso o ministro da Saúde, que insiste nos “genéricos”.

26 ABR 1993

ESTADO DE SÃO PAULO